

Comemoração ao centenário do trabalho de Sigmund Freud:
“Sobre a transitoriedade” (1916)

Pensando em Freud e transitoriedade

*Por Raya Angel Zonana**

Em 1916, no texto *A Transitoriedade*, Freud descreve um passeio pelo campo na companhia de um poeta. Este, apesar de admirar o cenário à sua volta, tristemente lamenta o efêmero da beleza, a flor que fenece, a primavera que acaba. Freud observa que a primavera retorna sempre, apontando para o tempo circular e eterno da natureza, diverso do humano, linear e finito. A preciosidade da vida e da beleza, diz Freud, repousa em sua fugacidade: “Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso.”

Ao tecer seu pensamento, Freud nota a dificuldade do homem em realizar o luto pelas perdas que a vida inevitavelmente impõe. Desprender-se dos objetos amados, perdê-los, expõe ao desamparo, à fragilidade, não só da beleza, mas da vida.

Como iludir-se da inevitável finitude? Criando marcas. As criações do homem o transcendem. Por ser somente guardião temporário das obras de arte e artesanato da teia humana que atravessa os séculos, por temer o desamparo e a fugacidade da vida, o homem cria estratégias que o immortalizem em símbolos. Ter um filho, plantar uma árvore, escrever um livro, maneiras de continuar “vivo” em sementes que, plantadas, florescem mesmo após a morte.

O passeio com o poeta ocorre antes da 1ª Grande Guerra, mas Freud escreve o artigo em 1915 – em plena guerra – e observa que a humanidade é também capaz de destruir a natureza, as obras de arte, e mais, que a guerra, também criação do homem, deixou expostos “os maus espíritos que existem em nós, os que julgávamos domados para sempre, por séculos de educação através das mentes mais nobres”. Também a civilização é precária. Ainda assim, Freud declara sua esperança de que, após o luto necessário pelas perdas provocadas pela guerra, sobrevenha o novo, e com ele a crença no humano e em sua capacidade de reconstrução dos bens perdidos.

Passados 100 anos da escrita deste artigo, por que ainda o lemos?

Talvez pela sua atualidade em relação aos “maus espíritos” que teimam em se fazer presentes nas atrocidades que a humanidade continua a cometer contra si mesma e que a evolução tecnológica e cultural não evita. Ou, principalmente, o lemos pela esperança que Freud nos exalta a ter com o novo que surge após as perdas, suavizando o desamparo que a precariedade do humano provoca.

Talvez também porque Freud contrapõe ao desejo irreal da beleza eterna, o prazer real e intenso que a experiência da beleza, ainda que finita, provoca, como anos mais tarde escreverá um outro poeta: “...que não seja eterno, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”¹.

Ou será porque a leitura – deste texto e de outros – é uma das formas que temos de ligar-nos uns aos outros por meio de um fio invisível que mantém simbolicamente a espécie, como ainda outro poeta escreveu: “...futuros amantes, quicá se amarão sem saber, com o amor que eu um dia deixei pra você”.²

Talvez leiamos este texto pela beleza de sua escrita, pela poesia que escapa no tom com que Freud nos conduz pelo seu pensamento.

Freud sempre sugeriu que, antes do psicanalista, é no poeta que encontramos alguma compreensão para o encanto e o enigma da vida. Neste texto, Freud é o psicanalista e, também, o poeta.

¹ Vinicius de Moraes, Soneto da fidelidade in *Antologia Poética*, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

² Chico Buarque, *Futuros amantes*, in CD *Paratodos* BMG Ariola, 1993.

* Raya Angel Zonana é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

¹ Vinicius de Moraes, Soneto da fidelidade in "*Antologia Poética*", Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, pág. 96.

² Chico Buarque, *Futuros amantes* in CD *Paratodos* BMG Ariola, 1993